

## Resenhas

# Masculinidades em movimento e sob disputa



Alan Camargo Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

alancamargo10@gmail.com

Submetido em: 2022-06-07

Aceito em: 2022-08-30

## Masculinidades em movimento e sob disputa

A coletânea intitulada *Estudos das masculinidades na Educação Física e no Esporte*, publicada em 2021 pela nVersos Editora, foi organizada por dois renomados professores e pesquisadores que há alguns anos atuam sobre o tema das masculinidades. Prof. Dr. Fabiano Pries Devede e Prof. Dr. Leandro Teófilo de Brito formaram-se em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Enquanto o primeiro organizador cursou o seu mestrado/doutorado em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho (UGF), o segundo, é mestre em Educação pela UFRJ e doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente ambos coordenam o Grupo de Trabalho Temático Gênero do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE).

Pode-se afirmar que o presente livro caracteriza-se por ser uma obra fundamental no campo brasileiro dos estudos de gênero. A obra consegue mobilizar e visibilizar os principais referenciais teórico-metodológicos nacionais e internacionais sobre masculinidades, no sentido de iluminar as relações de gênero no campo das práticas corporais e esportivas. Além disso, os capítulos fornecem um panorama de como as distintas masculinidades não somente reiteram diversas normas cisheteronormativas, como também subvertem ou transgridem a lógica hegemônica para outras for-

mas de viver, de ser e de resistir no espaço escolar e esportivo. Por fim, os textos teóricos e teórico-empíricos da coletânea trazem debates e estudos extremamente relevantes sobre as masculinidades na atualidade que também fazem pensar para além da área de Educação Física, haja vista o atual contexto político-econômico conservador presente em diversas instâncias da vida no país.

A coletânea é composta por quatorze autores(as) de distintos campos de saber com diferentes experiências acadêmico-profissionais, totalizando nove capítulos distribuídos em três partes: I) Reflexões teóricas; II) Pesquisas na Educação Física escolar; III) Pesquisas sobre o corpo e o esporte. O prefácio foi escrito pelo Prof. Dr. Fernando Seffner da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a apresentação, pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fátima Cecchetto da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz).

Na primeira seção, pode-se observar o rigor da escrita dos três primeiros capítulos, capitaneados por Fabiano Deive, Leandro Brito e Vagner Prado. Respectivamente, problematizam os limites e as potencialidades da Teoria da Masculinidade Hegemônica de Raewyn Connell e a Teoria da Masculinidade Inclusiva de Eric Anderson; as perspectivas pós-estruturalistas de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, assim como alguns pressupostos teóricos que fundamentam as transmasculinidades. Os autores reconhecem que os movimentos feministas, em especial, da terceira onda, foram fundamentais para a potencialização dos estudos sobre homens e masculinidades, a partir das décadas de 1980 e 1990, no Brasil (HEILBORN; CARRARA, 1998).

Se por um lado os autores supracitados não articulam os referenciais sobre as masculinidades, direta ou densamente, com o contexto das práticas corporais e esportivas, por outro, cumprem o papel ensaístico de oferecer ao leitor um panorama conceitual que fundamenta o tema. Os textos dessa seção permitem ao leitor iniciante ou avançado entrar criticamente em contato com as clássicas masculinidades hegemônicas, cúmplices, marginalizadas e subordinadas (CONNELL, 1995; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013), bem como o atravessamento com os estudos *queer*, além

das perspectivas pós-fundacionais marcadas pela fluidez, transitoriedade e instabilidade de sentidos do social.

Assim, nessa primeira parte do livro, pode-se detectar a preocupação didática dos textos em colocar em xeque as perspectivas normalizadoras do masculino com base em pressupostos teóricos estruturalistas e pós-estruturalistas. Entra-se em contato com teorizações sobre os sentidos referentes ao masculino em que não somente reconhecem a sua pluralidade, como também aprofundam analiticamente as relações de poder que atravessam ou demovem o “ser homem” na contemporaneidade, contestando a proposta essencialista das identidades sexuais e de gênero.

Na segunda seção, constam dois capítulos que demonstram a relevância da problematização sobre as masculinidades no espaço escolar, especialmente na disciplina Educação Física, no sentido de formação identitária de crianças e jovens. Ambos os capítulos apontam a necessidade de discussões sobre gênero, em especial, sobre as masculinidades na formação superior justamente com o intuito de repensar uma instituição escolar menos sexista, binária e machista.

Nesse sentido, o texto de Pedro Fernandes, Fabiano Devide, Leandro Brito e Cláudia Foganholi objetiva compreender as masculinidades em diálogo interseccional entre gênero e raça na quadra de aula. Os(as) autores(as) conseguiram captar diferentes tipos de estereótipos e violências que marcam os sujeitos no espaço escolar, desde a homofobia aos anti-intelectualismos destinados a alunos negros, geralmente marcados por uma camada social menos favorecida. Ressalta-se que os responsáveis pela pesquisa também descrevem algumas formas de transgredir às perspectivas de virilidade ou de dominação masculina branca-hétero, seja na linguagem ou nas próprias práticas corporais. Já o capítulo de Juliana Pelluso e Fabiano Devide debate como discentes e docentes podem naturalizar, reproduzir e agravar determinadas expressões da masculinidade que silenciam, negam e ameaçam sujeitos que não correspondem às normas de gênero. Desse modo, os(as) autores(as) argumentam sobre a necessidade de aulas que não somente sejam “mistas”, mas também “coeducativas”. Em outras pa-

lavras, torna-se imperioso problematizar e planejar didaticamente, de fato, as relações de gênero dentro e fora da escola/quadra.

Por último, na terceira seção do livro composta por quatro capítulos, o leitor é convidado a compreender como a pluralidade de masculinidades estabelecem-se em tensão e em disputa simbólica a partir de textos sobre *Mixed Martial Arts* (MMA), *Rugby*, Voleibol e *Core Energetics* (uma terapia corporal), escritos respectivamente por: Juliana Jardim e Larissa Pelúcio; Francisca Silva, Dulce Almeida e Fabiano Deive; Bruno Souza, Érica Pereira Neto e Gilmar Almeida; Eugênia Lacerda e Dulce Almeida. Virilidade, força, coragem, determinação, combatividade, dentre outros atributos rotineiramente atribuídos ao masculino são analisados nesses diferentes espaços de práticas corporais e esportivas.

Os(as) autores(as) desses capítulos abordam como a construção das masculinidades não afetam somente os homens, mas todos/as/es presentes nesses lócus de estudo. Ao mesmo tempo em que analisam preconceitos, discriminações, violências e estigmas em torno do que (não) seria um “homem de verdade”, por outro, trazem à tona perspectivas de rupturas e desestabilizações nas formas de expressar as masculinidades na contemporaneidade.

Em síntese, as pioneiras discussões sobre as relações entre esporte-masculinidades (DUNNING, 1992) e, mais atualmente, o aprofundamento analítico acerca do tema em alguns estudos (GASTALDO; BRAGA, 2011; CAMARGO, 2014), podem ser emblematicamente vistos no livro em tela. Ainda que se perpetue uma sociedade binária e generificada tão denunciada por Bourdieu (2019), a obra, cuidadosamente organizada por Fabiano Deive e Leandro Brito, se destaca por estimular ou demarcar não somente uma agenda de pesquisas, como também permite uma leitura crítica sobre o tema de como as masculinidades vêm assumindo outros modos ético-morais de se legitimar em espaços destinados às práticas corporais e esportivas.

Assim, as infinitas formas de expressões das (trans)masculinidades (femininas, negras, homossexuais etc.) são emblematicamente

camente contempladas nessa obra. *Estudos das masculinidades na Educação Física e no Esporte* promete ser não somente uma produção acadêmica sobre um tema já presente na literatura, como também um dispositivo interdisciplinar fundamental para pessoas/profissionais de diversas áreas do conhecimento em ações políticas e práticas em espaços de realização do “movimento humano” nas dimensões do lazer, *fitness*, práticas terapêuticas, dentre outras.

Nesse sentido, recomenda-se a leitura desse livro não somente aos(as) professores(as) de Educação Física, como também àquelas pessoas que se envolvem (in)diretamente com as práticas corporais e esportivas. Indubitavelmente, a sistematização das discussões referentes às masculinidades nas microrrealidades delineadas ao longo do livro revela ou faz pensar como os mecanismos discursivos sobre o “ser homem” também podem permear outros contextos socioculturais.

## Referências

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 15a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

CAMARGO, W. X. Considerações antropológicas sobre sexualidades e masculinidades no esporte. **Revista de Antropologia da UFSCar**, São Carlos, v. 6, n. 1, p. 41-62, 2014.

CONNEL, R. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

CONNEL, R.; MESSERSCHMIDT, J. Masculinidade hegemônica: re-pensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-280, 2013.

DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (Orgs.). **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p. 389-412.

GASTALDO, E. L.; BRAGA, A. A. Corporeidade, esporte e identidade masculina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 875-893, 2011.

HEILBORN, M. L.; CARRARA, S. Em cena, os homens... **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 370-375, 1998.

## Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.